

**MORAIS, Artur G. de;**  
**ALBUQUERQUE, Eliana B. C. de; LEAL, Telma F.**  
**Alfabetização: apropriação do sistema**  
**de escrita alfabética. Belo Horizonte:**  
**Autêntica, 2005.**

Marcia Aparecida Alferes\*

O livro *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética* integra uma coleção do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (<http://www.ufpe.br/ceel/>). Esta coleção é composta por 10 livros e visa contribuir para a formação continuada de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. O livro conta com oito capítulos elaborados por Artur Gomes de Moraes, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal (coordenadoras da obra), Andréa Galvão, Marília de Lucena Coutinho, Roseane Pereira da Silva e Tânia Maria Rios Leite.

O livro traz importantes contribuições para o debate acerca de questões relacionadas à alfabetização, partindo da concepção de que é preciso *alfabetizar letrando* e de que, para isso, é necessário empregar uma metodologia de ensino que não recorra aos métodos tradicionais de alfabetização. A produção coletiva da obra é resultado da experiência de educadores e pesquisadores preocupados com a formação de professores alfabetizadores, visando fornecer-lhes subsídios para melhor compreender concepções, conceitos, procedimentos, atividades e atitudes que subjazem ao seu fazer pedagógico.

Um importante mérito da obra é que boa parte dos capítulos refere-se à análise de dados de pesquisa de campo, ou seja, pesquisas realizadas em sala de aula na cidade de Recife/PE. De modo geral, os textos disseminam a idéia de que a sistematização é essencial para a aquisição de leitura e escrita e oferecem elementos do que seria uma prática de alfabetização sistemática, apresentando ao professor alfabetizador sugestões de atividades que podem ser realizadas em sala de aula de modo a atender turmas heterogêneas.

Na *Apresentação*, os autores salientam que um grande desafio a ser superado no Brasil é o analfabetismo e que tal superação não depende exclusivamente do professor, mas de um conjunto de fatores, tais como: currículo, organização do sistema de ensino, formação inicial e continuada de professores, entre outros.

O primeiro capítulo *Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as)*, de

Andréa Galvão e Tema Ferraz Leal, propõe uma discussão sobre o uso ou não de métodos nas classes de alfabetização. Para tal, fazem uma descrição das características dos métodos mais utilizados no Brasil: método sintético, método analítico e método analítico-sintético. As autoras não defendem a volta aos antigos métodos de alfabetização, mas acreditam que é necessário que o professor tenha o domínio de práticas e métodos pedagogicamente ajustados à realidade em que se aplicam. Segundo as autoras, o processo de alfabetização exige do professor a capacidade de organizar seqüências didáticas específicas à apropriação do sistema de escrita alfabética, buscando sempre incluir práticas e usos sociais da nossa língua.

O segundo capítulo, *Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização?* de Artur Gomes de Moraes, evidencia a escrita alfabética como um sistema notacional que necessita ser entendido como ferramenta simbólica e não um simples código de transcrição da fala. Para demonstrar isso, o autor utiliza-se da história e de exemplos a fim de desmistificar as expressões “código”, “decodificar” e “codificar”, muito utilizadas, segundo o autor, por profissionais que se dedicam à alfabetização. O autor defende que o enfoque da escrita alfabética como sistema notacional é necessário para se construir didáticas da alfabetização que, libertando-se dos velhos métodos, permitam o *alfabetizar letrando*.

No terceiro capítulo, *Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores*, a autora Marília de Lucena Coutinho demonstra as contribuições da Psicogênese da Língua Escrita na análise dos níveis de aquisição da escrita. Para isso, descreve situações de sala de aula, apresentando os níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. A autora contribui para o fazer pedagógico na medida em que vai apresentando os níveis e ao mesmo tempo dando sugestões ao professor de como proceder para que o aluno avance no conhecimento de reflexão sobre a escrita. Embora tenha tentado sugerir atividades a serem feitas em cada um dos níveis, a autora acredita que uma rotina de trabalho bem estruturada, com atividades sistemáticas de reflexão

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação-Mestrado em Educação da UEPG. [profsecr@yahoo.com.br](mailto:profsecr@yahoo.com.br)

sobre a língua é de fundamental importância para garantir um processo de alfabetização eficaz.

O capítulo quarto, *Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos?*, de autoria de Artur Gomes de Morais e Tânia Maria Rios Leite, discute o que são habilidades de reflexão fonológica, percorrendo sua evolução, através do exemplo de uma criança acompanhada durante o ano letivo. Além de discutir as limitações e as potencialidades das evidências ligadas ao tema "consciência fonológica", os autores abordam o papel da escola na promoção das habilidades necessárias para um sujeito tornar-se alfabetizado. Concebendo que a escrita alfabética é uma invenção cultural e que a escola pode ajudar o aluno a descobrir suas propriedades, os autores defendem um ensino do Sistema de Escrita Alfabética que promova, sistematicamente, a reflexão também sobre a dimensão sonora das palavras e não só a respeito de seus significados. Concluem que seria um equívoco trazer para as salas de aulas os velhos métodos fônicos de alfabetização, pois isso representaria tornar requisito, para viver o processo de alfabetização, um nível de reflexão fonológica tão complexo e abstrato que nem mesmo pessoas já alfabetizadas conseguiriam exercitar.

No quinto capítulo, *Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola*, Telma Ferraz Leal relata que a aprendizagem não se dá num mesmo ritmo para todos os aprendizes e que eles não percorrem exatamente os mesmos caminhos, sendo necessário um trabalho diferenciado para alunos com níveis de conhecimentos diferentes. Para tal a autora propõe que, em sala de aula, haja momentos em que diferentes atividades estejam sendo conduzidas pelo professor de forma paralela. A autora mostra que, com a finalidade de atender a heterogeneidade da turma, podem ser criadas situações didáticas diferenciadas: em grande grupo, em pequenos grupos, em duplas e trabalho individual.

O capítulo seis, *Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?)*, as autoras Telma Leal, Eliana Albuquerque e Tânia Leite abordam o jogo como poderoso recurso auxiliar no processo de alfabetização. O capítulo inicia-se com a descrição do conceito de jogo e sua importância para o desenvolvimento infantil. Em seguida relata os diferentes tipos de jogos, incluindo os jogos educativos e finaliza com a utilização dos jogos na alfabetização. As autoras enfatizam que a estratégia de se utilizar jogos na alfabetização, visto que os alunos têm disposição para participar dos mesmos, é algo imprescindível para se alcançar um ensino desafiador, lúdico e construtivo. Propõem que os jogos sejam utilizados em um trabalho mais dirigido por parte dos professores, em situações de aula, ou que podem ser disponibilizados para que as crianças possam utilizá-los no horário do recreio ou em intervalos entre uma tarefa e outra. Os jogos auxiliam no entendimento da lógica da escrita, além de consolidarem o

que o aluno já aprendeu, como também ensinam a lidar com regras e a participar em atividades grupais.

No capítulo sete, *Leitura e escrita na alfabetização*, Roseane Silva chama a atenção para a necessidade do processo de alfabetização oportunizar ao aluno um contato sistemático com diferentes gêneros textuais e com a análise de materiais diversificados de leitura e escrita. A autora destaca que as atividades de leitura e escrita na alfabetização precisam considerar as especificidades do processo de alfabetização e letramento, pois, se o objetivo é formar comunidades de leitores e motivar as crianças a aprenderem como se escreve, não se deve perder de vista a necessidade de garantir tempo pedagógico para leitura de diversos textos (como por exemplo os literários, os informativos), além da participação em situações em que eles utilizem de fato esses textos.

No último capítulo, *O livro didático de alfabetização: mudanças e perspectivas de trabalho*, Eliana Albuquerque e Artur Morais discutem sobre o mais importante instrumento de trabalho para o professor: o livro didático. Tal importância deve-se ao fato de que o livro didático vem se constituindo em um material de regulação de muitos aspectos da prática do professor: os conteúdos a serem ensinados, a ordem em que eles devem ser trabalhados, as atividades a serem realizadas, os textos a serem lidos e até mesmo a forma de correção dos exercícios. Os autores abordam que, a partir da década de 1980, surgiu um forte discurso contrário à utilização de livros didáticos, como se sua utilização fosse algo que deveria ser superado. Considerando sua importância, o livro didático passou, na década de 1990, a ser considerado um instrumento útil mas que deveria se adaptar às novas tendências educacionais e pesquisas realizadas. Sendo assim, os autores discutem no capítulo oito, as mudanças ocorridas no livro didático, especificamente o de alfabetização, e como os professores podem utilizá-los em sala de aula, alertando porém que o livro não é o único material de apoio para a organização do trabalho pedagógico, mas que, se bem utilizado, pode ser um material sobre o qual se pode construir e criar atividades de alfabetização.

Finalmente, cabe destacar que a obra em tela constitui-se em um valioso instrumento a todos aqueles que se interessam pelo tema "alfabetização" e que buscam por respostas a inúmeras questões sobre métodos, materiais e atividades a serem utilizados no processo de alfabetizar letrando. A obra deixa claro que o trabalho em classes de alfabetização deve ser planejado, de forma que a sistematização auxilie o professor alfabetizador na importante tarefa de levar seus alunos a se apropriarem do sistema de escrita alfabética. Juntamente com os demais livros da coleção "*Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*" pode ser considerado um material de excelente qualidade para redes de ensino, para professores e coordenadores pedagógicos, bem como para cursos de formação inicial e continuada de professores alfabetizadores.